

Hoje, os aplausos são para os guerreiros da ENFERMAGEM

Em tempos de pandemia, eles atuam de maneira heroica dentro das unidades de saúde

NATHÁLIA DE ALCANTARA

DA REDAÇÃO

As marcas no rosto são do cansaço de quem ainda vive o medo, busca forças para encarar a morte de dezenas no mesmo dia e se despede da família para cuidar do amor de alguém. Por trás de máscaras que machucam a face e tampam o sorriso acolhedor, milhares de profissionais recebem hoje os aplausos no Dia Mundial da Enfermagem - só na região, há mais de 26 mil enfermeiros e outras centenas de técnicos e auxiliares.

Atuando de maneira heroica e silenciosa em hospitais e unidades de saúde todos os dias, eles que cuidam de pacientes isolados da família e com pouca esperança em tempos de pandemia de covid-19.

“A área de Enfermagem é a linha de frente. Nenhum robô substituiu a gente, que dá o banho no paciente, aspira e segura a mão dele.

Trabalhar em cima desses pacientes totalmente dependentes deu o senso de respeito e da importância dessa profissão. São 24h dando assistência”, diz a professora de Enfermagem da Universidade Católica de Santos (UniSantos) Joice Maria Fernandes.

A função, para ela, vai além de ter atenção em sinais e sintomas. “É ler as entrelinhas. Um simples falar no celular é muito complexo. Vemos hoje a morte solitária, apesar de fazer e continuar fazendo. Eles sequer conseguem se despedir de seus familiares”.

Em seus 32 anos de formada, é a primeira vez que se depara com uma situação dessa gravidade. “Peguei o início do HIV, a H1N1, mas nada que fizesse o mundo parar”.

A coordenadora de Enfermagem da Universidade Metropolitana de Santos

(Unimes), Elaine Cristina dos Santos Giovanini, diz que vocação, dedicação e profissionalismo são requisitos dos bons profissionais, mas a profissão pede ainda carinho e empatia. “É um desafio proporcionar o cuidado de qualidade, planejado e humanizado”.

Ela acredita que os que atuaram e vivenciaram essa pandemia sairão mais fortes e experientes. “A pandemia nos trouxe a reflexão da importância do conhecimento, mas também da empatia”.

O presidente do Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo (Coren-SP), James Francisco dos Santos, ressalta que é evidente, hoje, o protagonismo que essas equipes sempre tiveram. “São heróis, pois também perderam familiares e amigos e mantêm seu profissionalismo e sua dedicação”.

“Nós vemos o paciente de um jeito diferente”

ARQUIVO PESSOAL



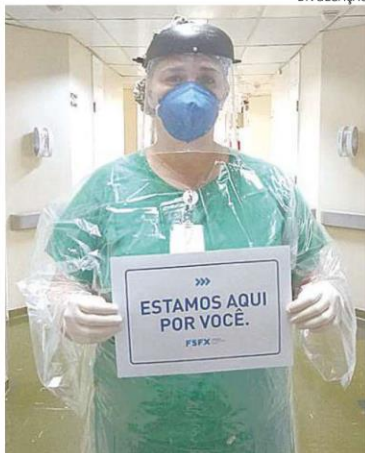
No último ano da faculdade, Larissa de Carvalho Espinosa, de 23 anos, se habilitou para ajudar na linha de frente da covid-19 pela ação O Brasil Conta Comigo, do Governo Federal. O estágio foi no PS de

Vicente de Carvalho, durante oito meses. “Havia profissionais afastados por serem do grupo de risco e outros doentes. No começo, tive medo e estava assustada, mas fui com a cara e a coragem. Tudo isso foi muito importante para a minha formação profissional e como ser humano. Vi pessoas morrerem e outras se curarem”. Ela mesma, que mora na Vila Alice, em Guarujá, teve covid-19. “Não adianta cuidar do ser humano sem amor. Os enfermeiros são importantes, pois estão com o paciente o tempo todo. Passam os outros profissionais para atendimento, mas quem fica é a enfermagem, então vemos o paciente de uma forma diferente. A gente conversa, tem o carinho e o cuidado, eles se abrem e vemos o que eles precisam além da medicação”.

UMA LUTA PERMANENTE PELA VIDA

“Cuidamos do amor de alguém”

DIVULGAÇÃO



É no olhar e no tato que a enfermeira Samantha Elide Gagliardi Iannuzzi, supervisora das UTIs e do Pronto Atendimento do Hospital de Cubatão, administrado pela Fundação São Francisco Xavier, se conecta com seus pacientes, apesar de estar toda paramentada. Com 43 anos de idade e 20 de profissão, a moradora do Marapé, em Santos, lembra de uma senhora que estava prestes a ser intubada. “Ela me olhou e pediu que eu segurasse a sua mão. Eu a acalmei e fiquei junto. No final, ela se curou e saiu de lá com vida. Todos os dias, nós cuidamos do amor de alguém e ter isso em mente é fundamental”. Em casa, para manter a saúde dos seus amores, ela tem um banheiro e uma máquina de lavar roupas separados. “É um passo de formiguinha dentro dos hospitais. Cada pequena melhora é comemorada. Os profissionais que vivem essa pandemia são outros, veem a Medicina e a forma de cuidar de outra maneira”.

“Prefiro lembrar dos finais felizes”

ARQUIVO PESSOAL



Nos dias mais intensos, Celes Lene Lourenço de Andrade, de 41 anos e enfermeira há 12 anos, teve de sair para respirar, se equilibrar e voltar para continuar trabalhando na Unidade de Pronto Atendimento de Peruíbe, que recebe pacientes com covid-19. “Acredito que todos mudamos bastante, pois aprendemos com as derrotas e comemoramos todos os dias de luta. Prefiro lembrar dos finais felizes, de recuperação e de volta para casa, mas vivenciamos muitos dias de tristeza e bastante morte. Nossa missão é acolher não apenas os pacientes, mas suas famílias”, explica a moradora do Parque Daville, em Peruíbe. “Nosso olhar hoje, com aprendizado, ficou diferenciado. Sou casada e tenho um filho de 4 anos, e com a necessidade e dedicação no trabalho mudei a vida em casa. Fico menos tempo com eles e, no começo, tentava resistir aos pedidos de abraço do meu filho. A enfermagem é um grande exemplo de entrega, carinho e dedicação”.

“É lindo ver quem consegue sobreviver”

MATHEUS TAGÉ



Ainda no escuro, sem saber o que esperar da covid-19, Juliana Bitencourt de Araujo, de 39 anos, se isolou em um quarto dentro de casa e falava com os filhos por vídeo. “A gente não sabia com o que iria lidar. De repente, precisávamos tampar o rosto e não teriam mais sorrisos”. No currículo, a moradora do Jardim Casqueiro, em Cubatão, tem um ano de UTI covid-19 na Beneficência Portuguesa, e pós-graduação em atendimentos em UTI e urgência e emergência. Na prática, uma profissional mais humana. “É lindo ver pessoas que conseguem sobreviver. Sempre gostei de cuidar do próximo, e se colocar no lugar daquele que está deitado no leito faz a diferença. Poderia ser alguém meu”. Moradora do Jardim Casqueiro, em Cubatão, Juliana tem fé e esperança que tudo isso passará. “No Dia das Mães, almocei com meus filhos on-line. A minha família precisa entender que eu tenho de salvar a vida de alguém. Cuidar da gente é muito mais difícil”.

“Tememos contaminar as nossas famílias”

ALEXSANDER FERRAZ



O novo coronavírus chegou e, com ele, trouxe o medo dos profissionais de saúde de contaminarem suas famílias. “Colocamos a família um pouco de lado, porque mesmo em casa meu tempo é voltado ao hospital. Ainda peço para minhas filhas de 12 e 15 anos para que me ajudem, que entendam, para que eu possa ajudar outras pessoas. Em casa, ainda tem o cansaço”, conta a coordenadora das UTIs da Santa Casa de Santos, Eliane Cunha Nascimento, que tem 41 anos de idade e 16 de profissão. Os pacientes são mais solitários e o ambiente é triste, diz ela, que mora na Vila Áurea, em Guarujá. “Eles não têm direito à família, à visita. São muitos pedindo pelo amor de Deus para não serem intubados e famílias inteiras destruídas. Estão todos exaustos”. Profissionalmente, Eliane conta que aprendeu muito com a pandemia. “Quando isso passar, vou valorizar as mínimas coisas como o abraço, a reunião com a família e as coisas simples que não podemos fazer hoje”.